

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO SUL DE MINAS GERAIS CAMPUS MUZAMBINHO**  
**Licenciatura em Educação Física**

---

FAGNER ADRIANO MATIAS

O OLHAR DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA

---

**MUZAMBINHO**  
**2014**

**FAGNER ADRIANO MATIAS**

**A PERSPECTIVA DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial para obtenção do grau de graduação do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Professora Ieda Mayumi Sabino Kawashita.

**MUZAMBINHO  
2014**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me concedido forças e saúde para chegar ate esse grandioso e memorável momento de minha vida, pelas milhares de vezes que o pedi socorro por não estar conseguindo concluir algo, por me guardar por esses caminhos enfrentando sol e chuva, frio e calor, mas em nenhum momento ele me desamparou.

Agradeço a minha família que muito tem me apoiado nessa jornada e que não mediram esforços para me ajudarem nas horas mais difíceis.

Agradeço especialmente a professora yeda pela paciência e carinho que teve comigo para conclusão deste trabalho de conclusão de curso.

## **EPÍGRAFE**

Que vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.(Charlie Chaplin)

## **RESUMO**

A pesquisa verificou sob a ótica das PCD (Pessoas com deficiência) e seus familiares a existência do preconceito em relação a eles, especificamente nas aulas e educação física. Infelizmente o preconceito está longe de acabar, pois desde a antiguidade as ações relacionadas às PCD são de total negligência, pois havia total ausência de atendimento e as PCD eram consideradas degeneração da raça humana, sendo abandonadas, perseguidas e eliminadas devido às suas condições atípicas. Dessa forma nota-se um grande índice de relatos de preconceito principalmente nas aulas de Educação física onde o corpo fica totalmente exposto e o trabalho mecânico é cobrado a todo momento. Uma alternativa para a solução deste fato seria o diálogo além de grupos e palestras interativas debatendo sobre o tema. Para chegar às informações necessárias foi realizado um questionário de cunho qualitativo contendo perguntas abertas a 8 casais (pais dos alunos com deficiência), que tinham idade média de 40 anos. As mesmas perguntas foram direcionadas aos alunos (filhos), deficientes das escolas de uma cidade de pequeno porte do Sul de Minas Gerais, que tinham idade média de 14,2 anos. A conclusão deste tema sugere-se que existe preconceito em relação aos alunos com deficiência e que os sentimentos listados por eles no questionário podem interferir em sua vida futura, gerando tristeza, raiva e até um isolamento levando em consideração que a escola é um instrumento que ajuda na formação do cidadão, além das mudanças sociais do mundo.

Palavras-chave: Preconceito, Professores, Escola, Educação Física.

## **6 Sumário**

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>9</b>
<b>3. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>10</b>
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>4.1. PRECONCEITO .....</b>	<b>10</b>
<b>4.2. INCLUSÃO ESCOLAR.....</b>	<b>11</b>
<b>4.3. EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>5. METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>26</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>29</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Segundo Ribas (2011) em 1975 a Organização das Nações Unidas (ONU), lançou a declaração dos direitos das pessoas deficientes, aprovada pela Assembléia Geral da ONU, que definiu o artigo I: “O termo pessoas deficientes refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente as necessidades de uma vida social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não em suas capacidades físicas ou mentais”. Observando essa declaração, nos remete a ideia de que as PCD (Pessoas com deficiência) são totalmente dependentes de outras pessoas, impossibilitando-as de serem comparadas as potencialidades de uma pessoa dita normal. O avanço da tecnologia onde se caracterizava como uma forma de igualdade e inclusão, acabou se tornando como uma das maiores armas de pré - conceito e discriminação (RIBAS, 2011).

Os avanços tecnológicos como o desenvolvimento de máquinas para aumentar a produção em vários segmentos poderiam trazer benefícios ao bem estar e inclusão dos deficientes no mercado de trabalho, mas acabam engrandecendo um sistema que na medida em que tomam parâmetro como desempenho, acabam por ressaltar a discriminação e o preconceito, pois evidenciam o processo e a produtividade daquele que é dotado de um corpo perfeito, funcional e saudável diminuindo o potencial humano daqueles que lidam com limitações orgânicas, intelectuais e sensoriais.(MAIA E RIBEIRO, 2009)

De acordo com França (1998, p.203) O preconceito segundo o dicionário Aurélio significa uma opinião formada sem reflexão, um conceito antecipado, uma superstição. Essa definição nos faz notar que existem dois conceitos: a diferença que é o modo de um corpo por comparação, explicita uma não conformidade, enquanto o preconceito é o resultado de um raciocínio imediato de idéias pré - formadas, um entendimento.

Além dos conceitos citados, existem duas atitudes distintas em relação ao indivíduo preconceituoso, onde segundo Crochik (2006) uma é percebida como exagero de aceitação e outra é a rejeição. Ambas as atitudes não são inatas. Assim a criança em seu processo de socialização pode perceber que o outro é diferente dela sem que esse fato cause qualquer impedimento no seu modo de se relacionar com esse outro. A possibilidade desse contato possibilita a experiência e consequentemente a reflexão sobre o outro e sobre si mesmo levando o indivíduo a desenvolver ou não preconceitos.

Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma pesquisa de campo por meio de questionário, com os alunos e pais, acerca da questão: Preconceito em relação as PCD nas escolas de uma cidade de pequeno porte, situada no sul de Minas Gerais, com população aproximada de seis mil habitantes.

Esta pesquisa foi realizada a partir da observação de relatos de que havia muito preconceito em relação as PCD nas escolas, principalmente nas aulas de Educação física, onde o corpo fica mais exposto aos olhares e críticas dos seus colegas, pois na quadra não existe camuflagem de carteiras e cadeiras das salas de aula. Por outro lado a sociedade esta com uma mente mais aberta e devagar esta incluindo as PCD em seu convívio, onde seus direitos estão sendo estabelecidos e garantidos por leis.

## **2. JUSTIFICATIVA**

A pesquisa foi realizada com o intuito de observar as questões de discriminação e preconceito em relação aos alunos com deficiência nas escolas de uma pequena cidade situada no sul de Minas Gerais, uma vez que observamos enquanto estagiário, que neste município, somente pessoas com deficiência física frequentavam as escolas, as outras deficiências como a intelectual, múltipla e visual são atendidas no município vizinho, em uma escola especializada. Nosso intuito foi questioná-los sobre o tema, averiguar as sugestões que estes sujeitos pontuam para solução deste fato, verificar a partir de relatos, quais as opiniões de seus pais, especificando: seus sentimentos, atitudes e idéias, e mostrar o que de fato acontece no meio escolar com seus filhos, além de compreender o porque do preconceito e da discriminação. Ao término do trabalho iremos propor aos responsáveis pelas escolas as sugestões apresentadas pelos sujeitos da pesquisa que possibilitariam uma diminuição deste preconceito, alertá-los sobre os danos sociais e psicológicos aos quais os alunos estão sendo expostos.

## **3. OBJETIVO GERAL**

Verificar sob a ótica das PCD e seus familiares a existência do preconceito em relação as PCD, especificamente nas aulas de Educação física.

### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Analisar a existência de discriminação e preconceito em relação as PCD,

Verificar partir de relatos, quais as opiniões de seus pais, especificando: seus sentimentos, atitudes e idéias para uma possível resolução do fato,

Expor o que acontece no meio escolar através do olhar das PCD.

## **4. REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **4.1. PRECONCEITO**

De acordo com Maciel (2000) as PCD tem vivido sob o signo da marginalidade, condição essa que atingi sob a forma de preconceito, desrespeito, ausência de garantia de direitos e rebaixamento sociopolítico que são marcas fortemente presentes, isso porque a atenção esta voltada para aquilo que imaginamos que eles sejam, olhamos para o impedimento, a incapacidade do deficiente e não para seus potenciais e capacidade. Reforçando esta ideia Adorno (1973) aponta que: radicalmente a atenção esta tomada pelo medo adivindo da percepção do que em nos assemelha-se a pessoa significativamente diferente, e portanto coloca-nos diante da possibilidade não aceitação social.

O indivíduo com deficiência é extremamente desvalorizado nos seus padrões físicos e mentais, onde segundo Vash (1988) explica que essa desvalorização esta sendo descrita em três aspectos: a consideração do preconceito como algo biologicamente determinado, o questionário psicossocial e a tendência política econômica onde gera mais custos para o sistema social.

Infelizmente o pré-conceito em relação as PCD esta longe de acabar, pois é um fato que se arrasta desde muito tempo atrás, Amaral (1995) afirma que desde a antiguidade, as ações relacionadas as PCD são de total negligência, pois havia total ausência de atendimento e as PCD eram consideradas como degeneração da raça humana, sendo abandonadas, perseguidas e eliminadas devido suas condições atípicas, na Idade Média eram tidos como

bobo da corte, crianças de Deus ou portadoras de possessões diabólicas. Na idade moderna foram utilizadas designações como: idiota, imbecil, cretino, demente e anormal. No humanismo (séc XIV a XVI), exaltava-se o valor do homem, mas havia uma visão patológica da pessoa que apresentava deficiência, menosprezando e separando-os da sociedade.

Essa realidade deve ser mudada, pois bem sabemos que as PCD tem capacidades e potencialidades iguais ou maiores as das pessoas ditas normais, hoje em dia elas ocupam papéis de destaque na sociedade, contribuindo e muito para o crescimento social, democrático e capitalista. Mas não basta que elas lutem sozinhas para essas mudanças aconteçam, mas sim que haja uma conscientização geral da população sob esse fato, mergulhando nas raízes do problema que é a escola, lugar de formação pessoal para o futuro, onde tudo começa. Acreditamos que os professores devem ser preparados e capacitados para lidar com essas situações e criar meios para que o respeito, a inclusão, o convívio e a harmonia dentro de sala seja bem natural possível.

## **4.2. INCLUSÃO ESCOLAR**

Mantoan (1997) ressalta as diferenças entre integração e inclusão, conceituando a integração escolar como uma forma condicional de inserção que dependerá do aluno, ou seja, do nível de capacidade de sua adaptação as opções do sistema escolar, da sua integração seja em sala regular, em classe, instituição especial ou mesmo em instituições especializadas, porém o sistema continua da mesma forma não muda, o que faz com que o aluno seja obrigado a se adaptar, dessa forma os grupos de excluídos continua cada vez maior e a integração ao sistema ainda mais superficial.

Nos últimos 30 anos a educação física (EF) teve uma grande evolução no sentido de melhorar as práticas pedagógicas para responder as necessidades das PCD criando uma área específica a Educação física adaptada que conforme Winnick (2004,p.04): tem o objetivo de suprir necessidades especiais de longo prazo, importante nesse sentido que professores de EF se atentem aos diversos tipos de deficiência possíveis que podem ser encontradas dentre seus alunos.

Na sua formação o professor de educação física tem a disciplina de Educação Física Adaptada – EFA, normatizada pela resolução 03/87 (BRASIL,1987a) e o parecer 215/87b)

mais precisamento no parágrafo IV e artigo VI que justificam a necessidade de formação de docentes de Educação Física habilitados para trabalhar com esse grupo de pessoas.

Segundo Gorgotti e costa (2005), a função da educação física na escola é educar para compreender e transformar a realidade que nos cerca a partir de sua cultura de movimento, para Bartandi (1994, apud DUARTE; LIMA, 2003,p.92) a EFA também pode ser conceituada como a educação que envolve as modificações ou ajustamento das atividades tradicionais da EF para permitir que as crianças com deficiência possam participar com segurança de acordo com suas capacidades funcionais, ou seja a EFA não é diferente da tradicional mas sim adaptada para cada tipo de deficiência.

Nesta perspectiva a EFA deve possibilitar a construção de uma escola inclusiva, onde através de sua prática desfaça preconceito sobre as PCD, contribuindo para a formação de uma identidade positiva, baseada no respeito as diferenças, na cooperação, na igualdade de oportunidades

A Inclusão escolar ou mesmo na sociedade deve ser levada a sério, analisando que sua essência teórica trata do direito das PCD ter igualdade de acesso e participação aos espaços comuns da vida e da sociedade.

Para Mazzota (1986) a educação não é apenas na escola, mas em todo lugar em que se aprende alguma coisa, desta forma sendo a escola a instituição organizada para a Educação, ela torna-se um lugar especial onde de acordo com Mazzota (1986) ela tanto pode bloquear as possibilidades de transformação do indivíduo, como permitir uma grande abertura para o mundo, seja ela de forma organizacional ou de forma coletiva dos indivíduos, Koeher (2003) confirma essa questão ao afirmar que a escola é um instrumento que ajuda na formação de mudanças sociais.

### **4.3. EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO DAS PCD**

A inclusão escolar das PCD é incontestável e de suma importância, uma vez que a instituição escolar é de acordo com Fefferman (1997) um espaço para o processo de socialização e transmissão de valores.

Com o passar do tempo surgiu à necessidade de incluir as crianças e adultos com algum tipo de anormalidade física e/ou mental na sociedade, as instituições religiosas e

filantrópicas que tiveram a iniciativa de inserir na sociedade a Educação Especial. (REIS; TAKESHITA, 2011) a Educação física escolar não foi diferente, foi necessário que houvesse uma adaptação para que houvesse uma maior participação das PCD.

Montoan (2006) define essa inclusão com sendo o direito de igualdade de oportunidades, onde incluir é saber tratar com as diferenças, ou seja,

... está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Ligada às sociedades democráticas que estão pautadas no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular. (MANTOAN, 2006, p.16)

A Inclusão escolar ou mesmo na sociedade deve ser levada a sério, analisando que sua essência teórica trata do direito das PCD ter igualdade de acesso e participação aos espaços comuns da vida e da sociedade.

Segundo Maciel (2000) a relação aluno-aluno é um fator a ser levado em consideração, pois o autor afirma que as diferenças interpessoais precisam de espaço para aparecer, devem ser discutidas e trabalhadas com os alunos a estratégia de lidar com o diferente e com experiências distintas, entre outros.

Para Mazzota (1986) a educação não é apenas na escola, mas em todo lugar em que se aprende alguma coisa, desta forma sendo a escola a instituição organizada para a Educação, ela torna-se um lugar especial onde de acordo com Mazzota (1986) ela tanto pode bloquear as possibilidades de transformação do indivíduo, como permitir uma grande abertura para o mundo, seja ela de forma organizacional ou de forma coletiva dos indivíduos, Koeher (2003) confirma essa questão ao afirmar que a escola é um instrumento que ajuda na formação de mudanças sociais.

## **5. METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo descritivo, que teve como material, questionário (anexo I) criado para responder nossos objetivos. Os sujeitos da pesquisa formam todos os alunos que possuem deficiência e frequentam as escolas municipais e estaduais, neste universo tivemos 8 alunos, nas escolas não há alunos com outras deficiências,

estes são atendidos em escolas especializadas no município vizinho. Foram duas escolas, uma municipal de ensino fundamental I, e a segunda Estadual de Ensino Fundamental II Médio.

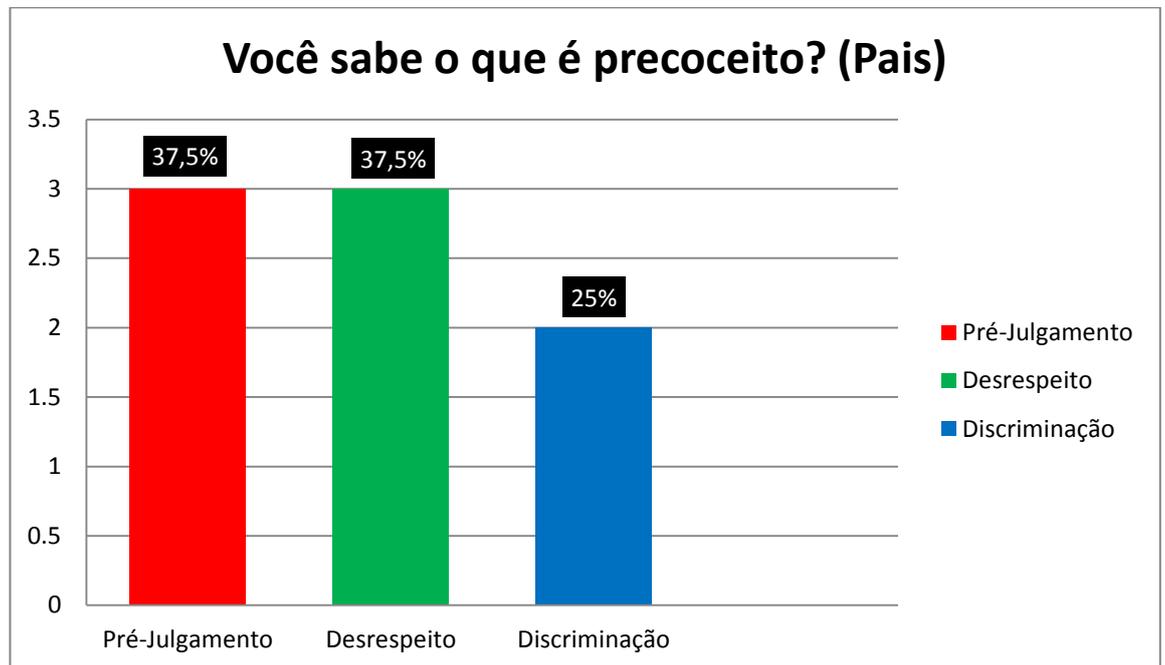
Os alunos entrevistados foram 8 todos homens e com idade média de 14,2 anos as deficiências detectadas foram: monoparesia, hemiparesia, amputação, monoplegia, amputação, hemiplegia, paraplegia e monoparesia. Pais e alunos não tinham a obrigação de responder todas as perguntas, todas as respostas foram dadas de forma livre e espontânea sem cortes ou interrupções.

Os pais entrevistados foram 8 casais, onde esse eram pais dos alunos com deficiência, sendo os homens com idade média de 40 anos, o nível de escolaridade foi desde ensino fundamental incompleto até ensino superior completo com especialização, as profissões citadas foram: 1 operador de máquina, 1 lavrador, 1 eletricista, 1 servente, 1 gari, 1 motorista, 1 gerente comercial, 1 administrador de empresas. As mães entrevistadas tinham idade média de 35,1 anos, com nível de escolaridade desde ensino fundamental incompleto até ensino superior, as profissões citadas foram: 1 enfermeira, 2 costureira, 2 diarista, 1 professora, 1 cozinheira, 1 aux. Serviços gerais. O casal se encontrava juntos na hora da entrevista, sendo que as respostas foram dadas apenas pelos homens e as mães apenas concordavam com as respostas, este procedimento deu-se por livre escolha dos entrevistados.

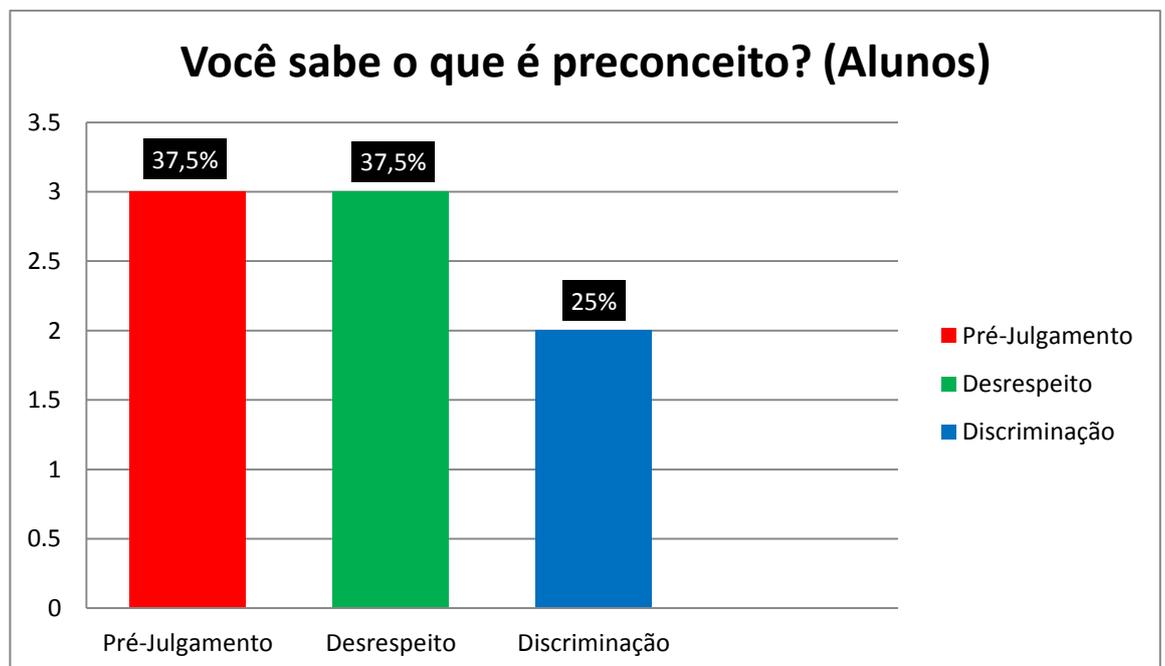
Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos, assumimos a responsabilidade ética de cumprir todas as diretrizes e normas previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 196/96 (BRASIL, 2012). Os participantes assinaram o termo de consentimento livre (TCLE) e esclarecido para a participação desta pesquisa.

Para coleta das entrevistas de pais e alunos foi utilizado um gravador e uma prancheta para anotar algum dado importante, todas as perguntas eram abertas sendo livre as respostas, após este momento foram analisadas todas as gravações e anotações feitas até chegar a tabulação final dos resultados.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

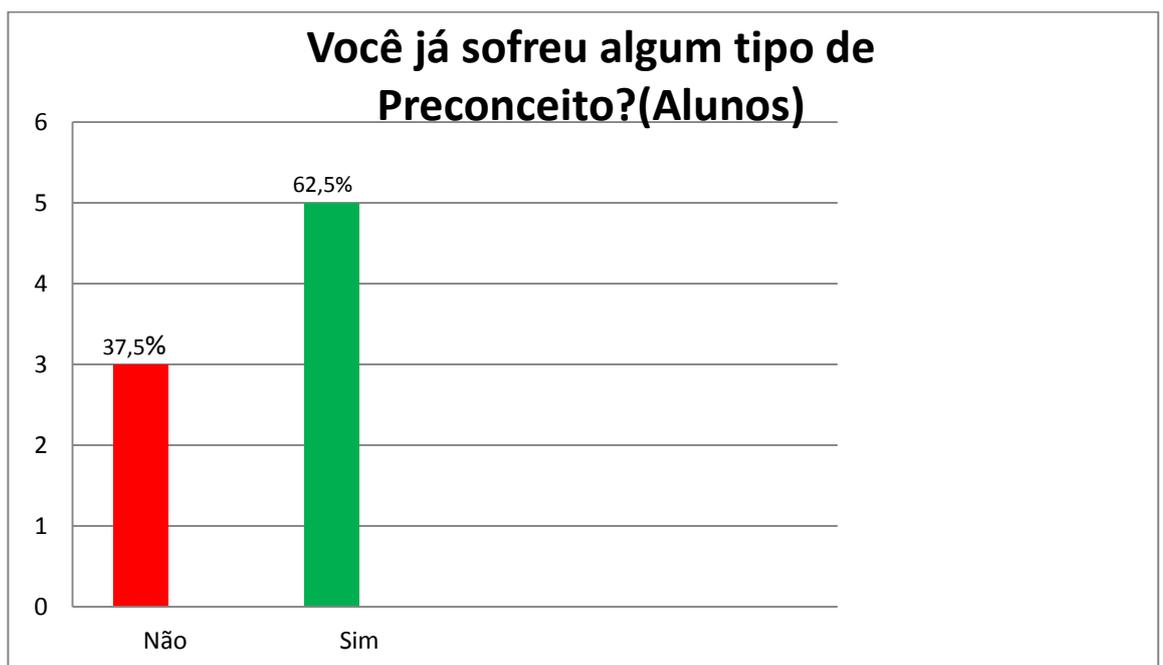
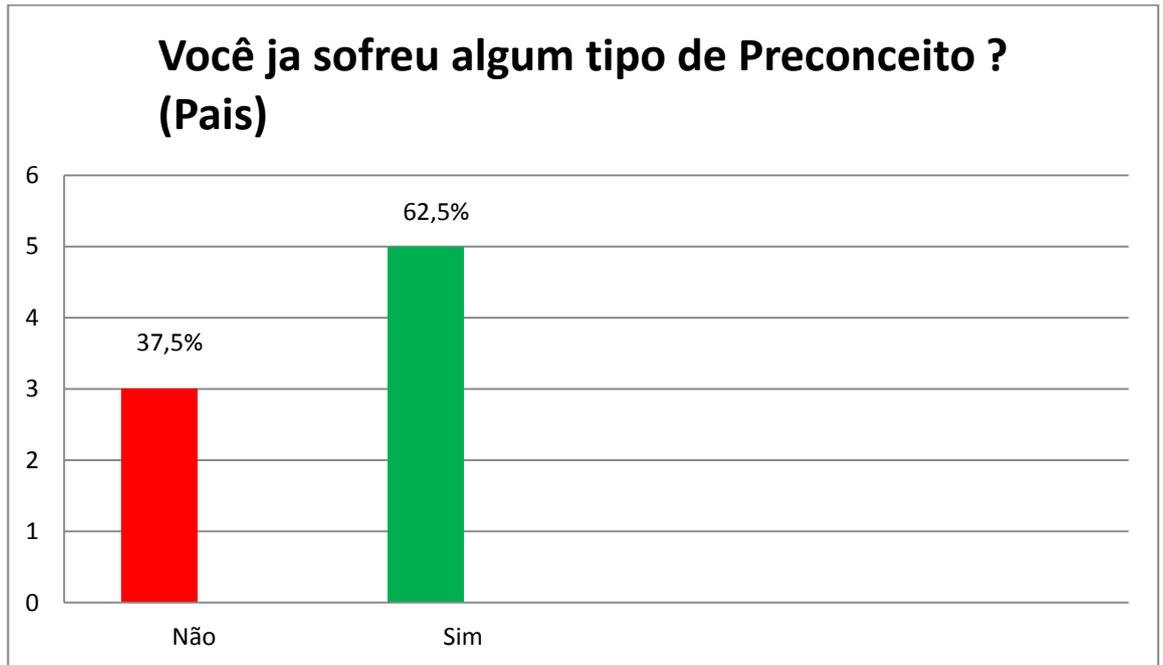


Relato (pais): “Para mim preconceito é um desrespeito ao próximo, não existindo em uma atitude dessas o amor, todos são iguais perante Deus, dessa forma todos nos devemos ser respeitados”.

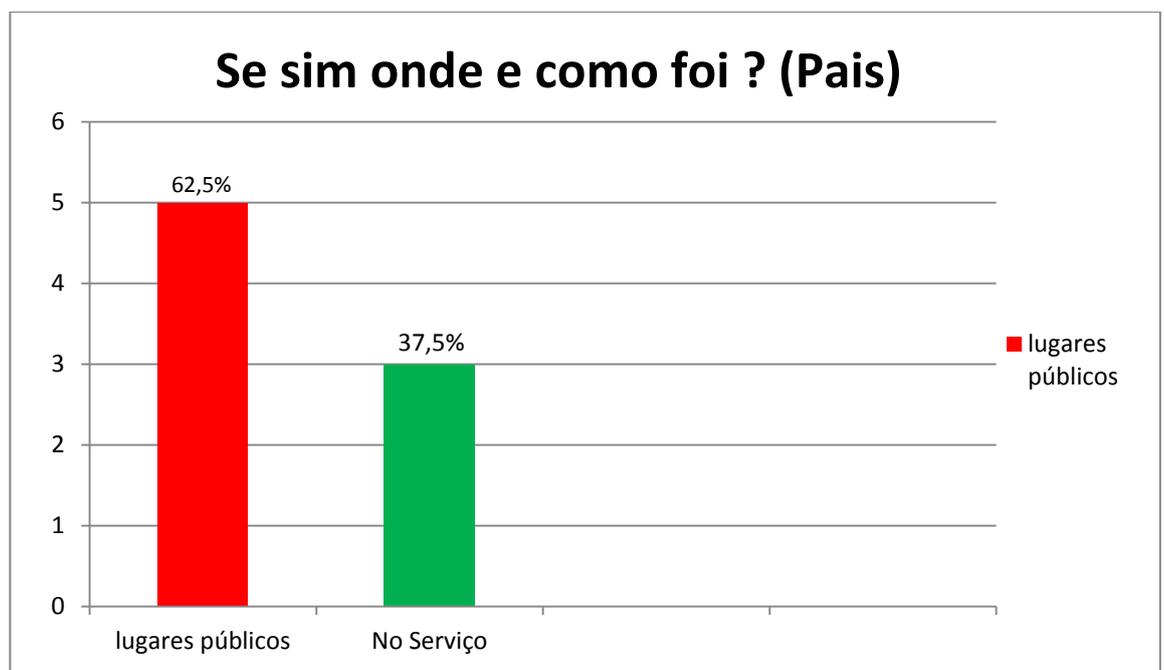


Relato (Aluno): “acredito que preconceito seja um pré-julgamento, um julgamento ou uma opinião formada sem conhecimento”.

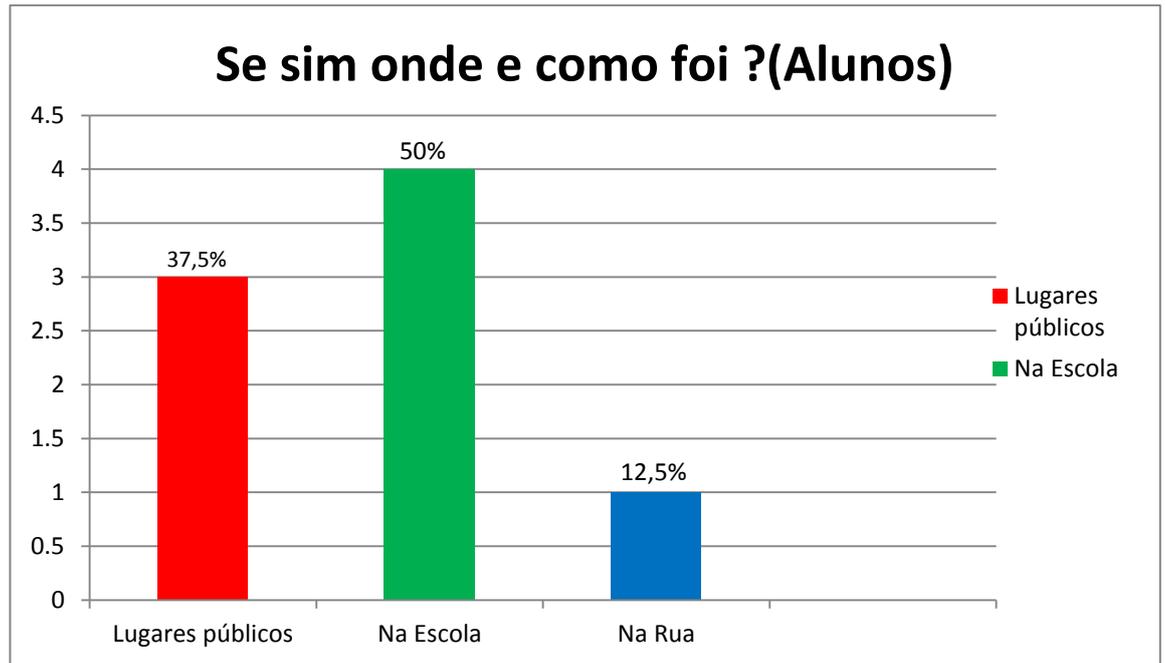
Segundo França (2008), a palavra preconceito significa: uma opinião formada sem reflexão, um conceito antecipado, uma superstição. As afirmações dos entrevistados vão de encontro com o significado apresentado por França, indicando que todos tem conhecimento do que seja o preconceito.



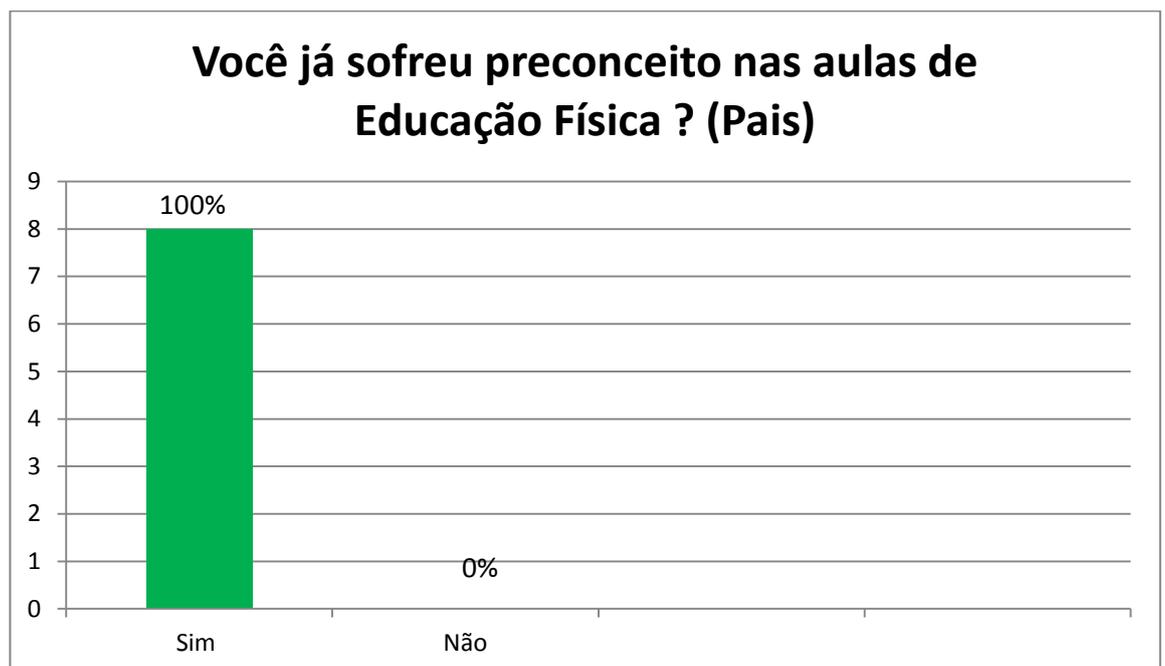
De acordo com Amaral (1998, p.12) se pensássemos nos costumeiros apelidos que circulam nos lábios infantis: “rolha de poço, azeitona no palito, pau- de- sebo, crioulo doido, quatro olhos, surdinho, tadinho, cegueta, mula manca... estaríamos muito perto da resposta: a presença do preconceito e a decorrentes discriminação vivida, ainda com mais intensidade pelos significativamente diferentes, impedindo –os muitas vezes de vivenciar não só seus direitos de cidadão, mas de vivenciar plenamente sua própria infância, ou seja a autora relata que todos sofrem ou já sofreram algum tipo de preconceito durante sua vida, toda diferença é considerada como uma forma de discriminação tendo como consequência a exclusão. Para esta questão tivemos que 62,5% afirmam ter sofrido preconceito, entretanto como veremos na sequência do trabalho este valor será de 100%.



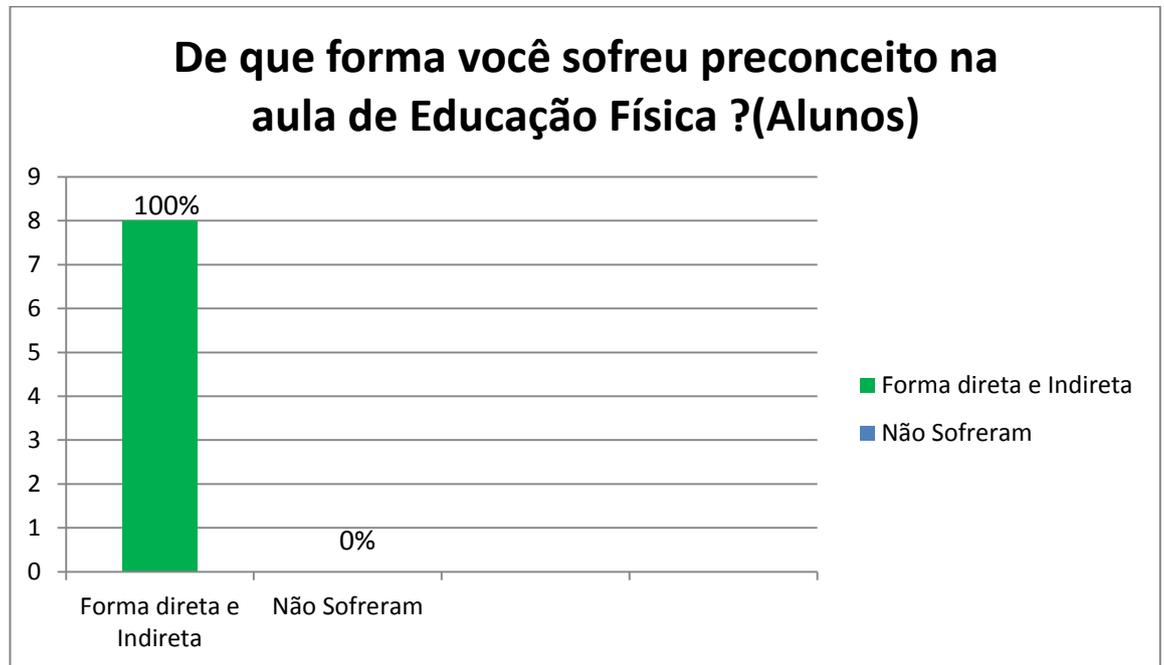
Relato (pais): “já sofri preconceito em decorrência de ter um filho deficiente físico, não foi de forma direta, mas pude perceber um grande repúdio e afastamento por parte dos outros pais”



De acordo com Itani (apud Aquino,1998-p.120), A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social e nos comportamos como se isso não existisse, pois o preconceito e a discriminação ainda acontecem na escola. A autora reforça por estes motivos a alta porcentagem da escola ser o lugar onde mais as pessoas sofrem ou já sofreram preconceito.



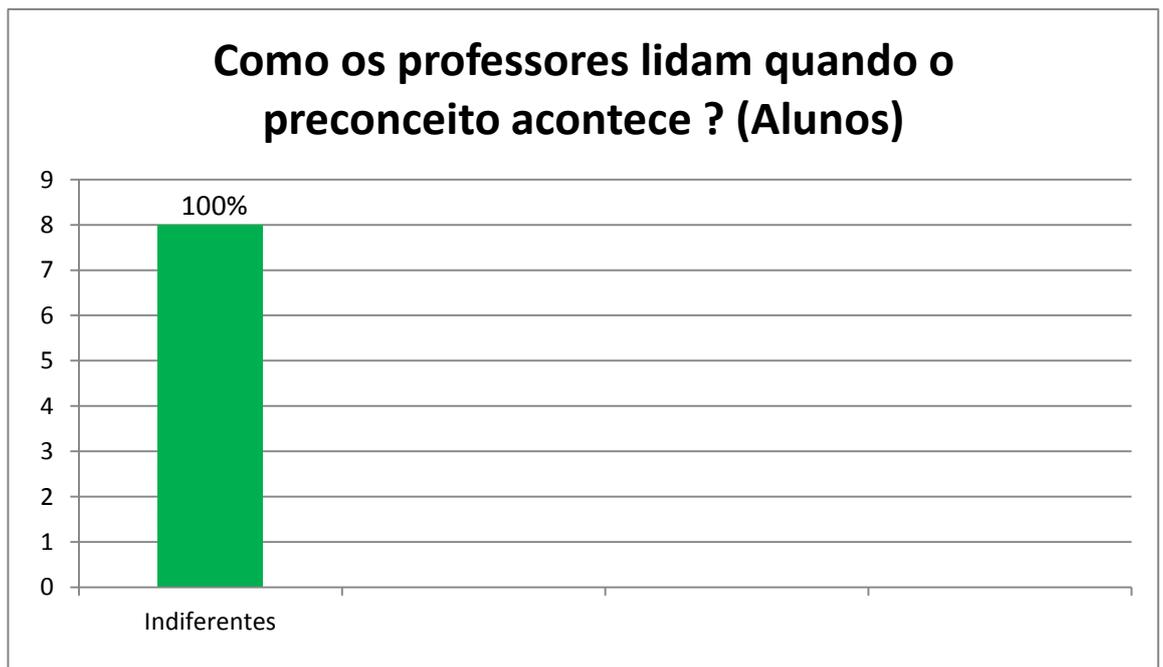
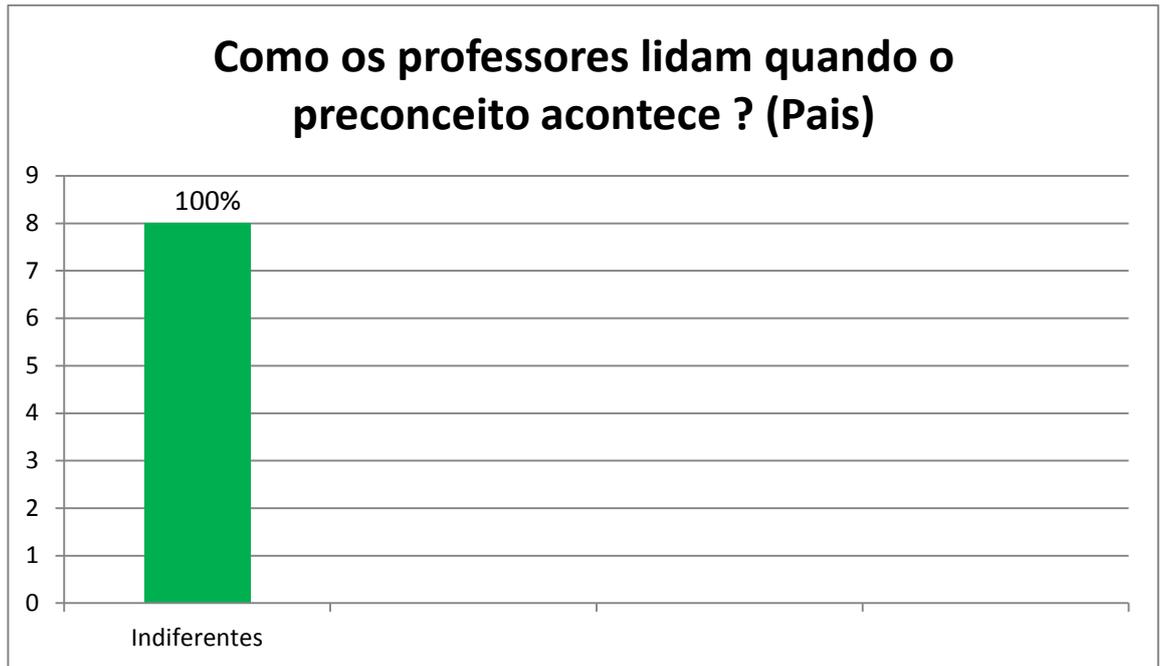
Relato:(pais): sinto preconceito em todas as reuniões de pais nas escolas, principalmente quando relacionas com a aula de educação física.



Segundo Costa, Rocha e Ribeiro(2009) tendo em vista que, comumente há a tendência de biologização da Educação Física o que remete à concepção dualista do homem. Seus objetivos principais são: manutenção da saúde corporal, aquisição de aptidão física e habilidades motoras e a performance desportiva. O atendimento de tais objetivos resulta numa prática marcada pela execução de movimentos mecânicos transmitidos pelo comando do professor e que são imitados pelos alunos. Analisando a idéia citada pela autora, é de fácil a compreensão do porque existe preconceito nas aula de Educação física, pois não são todos os movimentos que uma PCD consegue realizar, ficando assim exposta, as várias críticas, exclusão e preconceito dos colegas ditos “ normais”.

A Educação Física escolar é compreendida por muitos professores como ainda sendo uma disciplina da cultura desportiva e competitiva, criando mais um obstáculo à inclusão das PCD, isto reforça a questão do preconceito e discriminação vivenciados por várias pessoas ou seja os menos aptos são excluídos. (Rodrigues, 2013)

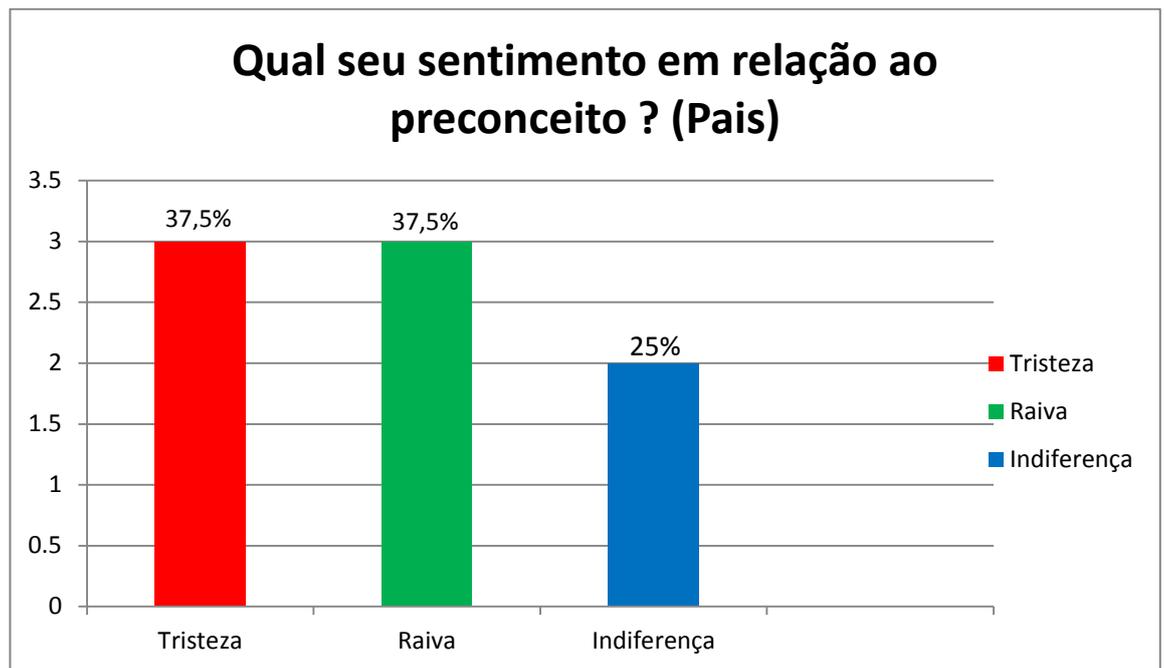
Nesta questão fica claro que 100% dos sujeitos entrevistados já sofreram algum tipo de preconceito, que difere das respostas apresentadas

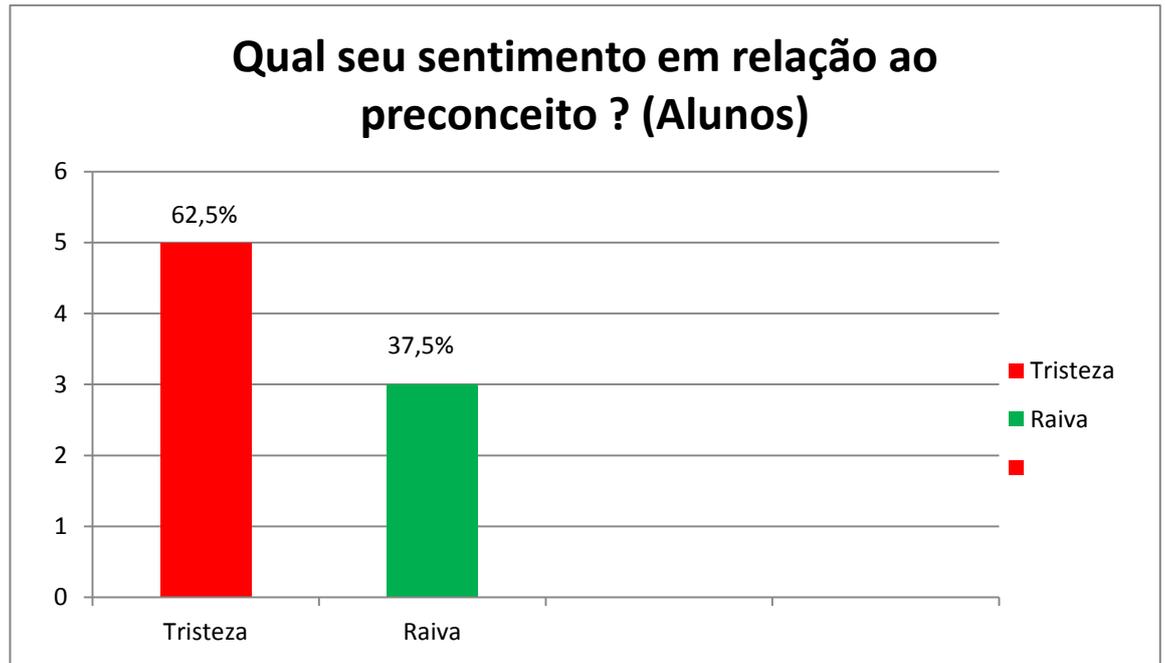


Relato (aluno): “sinto o preconceito a todo momento em cada movimento feito e acredito que todos também percebem, mas porém meu professor não toma nenhuma atitude para que isso não aconteça, para não ficar de fora da aula participo com os outros colegas normalmente sem nenhum tipo de adaptação”.

De acordo com o questionário realizado, 100% dos entrevistados responderam que os professores de modo geral lidam com indiferença a esse fato, o professor de Educação física por exemplo, tem o dever de adaptar suas aulas, Meirelles (2008, apud cidade, 2002, p. 41)

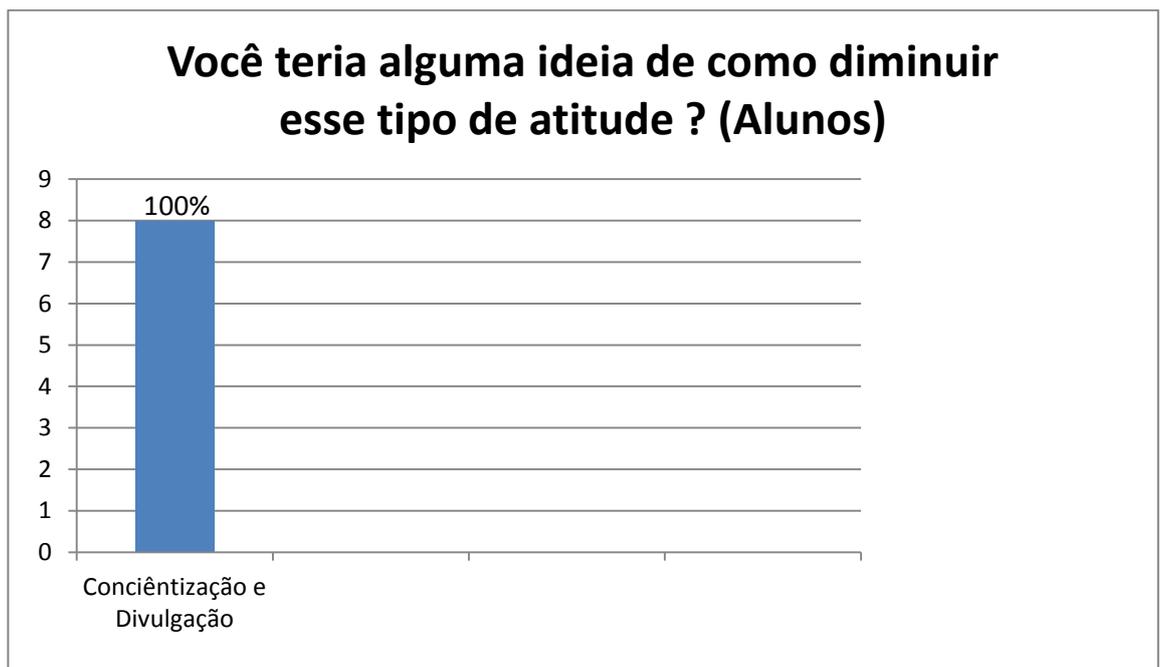
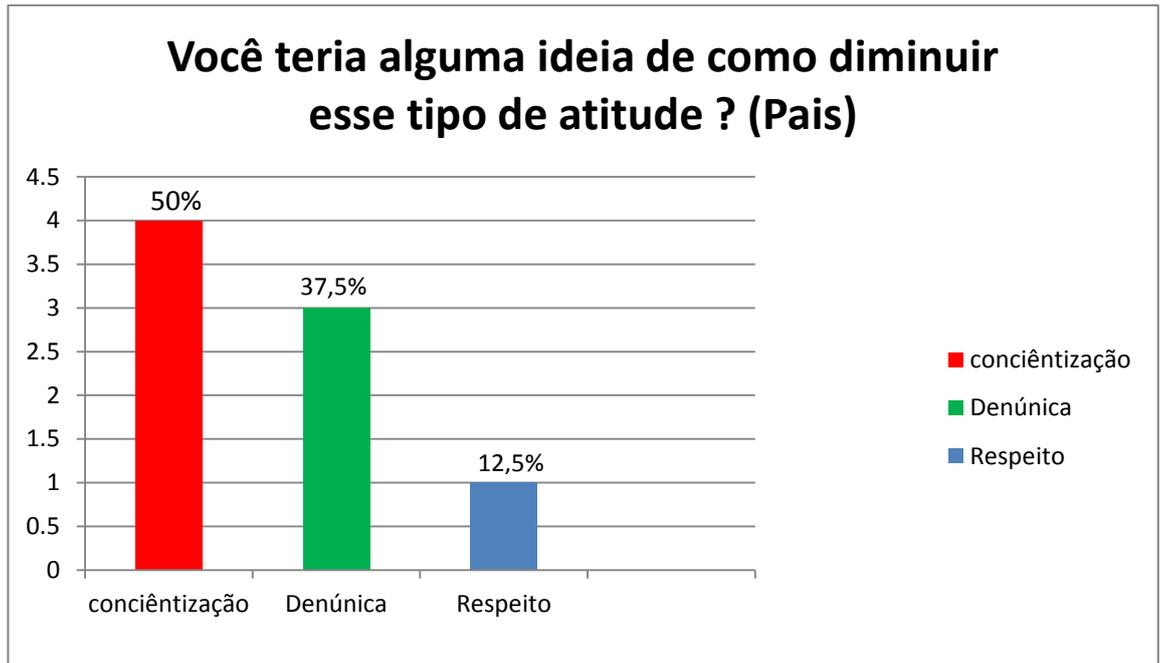
diz que a atividade física adaptada inclui indivíduos com amplas diferenças individuais, ou seja, tanto estudantes considerados regulares como aqueles que necessitam de educação especial em virtude de uma deficiência em particular, como deficiência física ou mental. Segundo Rodrigues (2013) a atitude do professor deve ser sempre positiva, e enfatiza que quanto mais experiência ele tiver com alunos com deficiência melhor será sua postura frente ao mesmo, propondo o diálogo para resolver estas questões.





Relato: (aluno) “ah seila! – fico triste por não poder fazer toda a aula de educação física, não consigo fazer tudo que o professor pede, e meus colegas dão risadas das minhas limitações”.

De acordo com Amaral (1998, p.20) nas situações em que entrar realisticamente em pleno contato com a indiferença significativa (ou mesmo entrar em contato com o sentimento de rejeição que ela pode gerar) não é uma possibilidade psicológica imediata, e havendo a necessidade de “fugir” da questão, podemos assumir a postura de avestruz: enfiamos a cabeça na areia para não ver o que não queremos ou não podemos ver. Pelos sentimentos relatados pelos alunos temos sentimentos distintos, a raiva que pode gerar violência, a tristeza pode gerar uma baixa-autoestima e mesmo levar a um isolamento social, a indiferença pode levar ao aluno a pensar que o preconceito é normal. Quanto aos sentimentos apresentados pelos pais notamos que a maioria se sente indignado com tal situação e seus sentimentos não diferem de seus filhos, porém eles conseguem melhor se adaptar com o preconceito.



Relato(aluno): “se todos se conscientizarem sobre deficiência física e se houvesse uma divulgação de tudo o que acontece, acredito que ajudaria muito!”

Segundo França, (1998, p.213 apud Arendt, 1960, p. 167) A educação protege e cuida de tudo o que é velho no mundo e acolhe o que há de mais novo: as crianças. De seu interior, ela oferta os produtos das mãos humanas e diz “o mundo é assim”, ou seja tudo na vida, se resolve com a educação, e não há preconceito que resista a uma sociedade inteligente, respeitosa e educada. Pelas respostas obtidas verificamos que a conscientização, ou seja, a

informação sobre o que é deficiência e as possibilidades das PCD deveriam ser trabalhadas nas escolas, pois este é o local que forma o ser humano para viver em sociedade.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sugere que na escola existe o preconceito em relação as PCD, que geram sentimentos que vão influenciar a vida desses indivíduos e de suas famílias. A disciplina de EF nesta pesquisa se mostrou sendo também como fonte de preconceito para todos os entrevistados e os professores não interferem para solucionar tal situação, podemos levantar algumas hipóteses, se isso dá pela falha na sua formação ou o próprio sistema é conivente com o preconceito. Os pais sofrem também as questões de preconceito e são cientes que seus filhos tem que lidar com este problema nas escolas. As sugestões dos entrevistados é investir na educação como forma de solucionar tal situação.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. W. (1973). **Preconceito**. Em T. W. Adorno, *Temas Básicos de Sociologia*. São Paulo: Cultrix.

AMARAL, L. A. **Do Olimpo ao Mundo dos Mortais**. São Paulo, Edmetec, 1988

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e Preconceito na Escola**. Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo. Summus.1998.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

Amaral, L. A. (1995). **Conhecendo a Deficiência: em companhia de Hércules**. São Paulo: Robe Editorial

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

Feffermann, M. (1997). **Na fronteira da lei e do fora-da-lei - um estudo sobre o discurso de crianças e adolescentes da periferia do município de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gorgatti, M. G; COSTA, R.F. **Atividade Física Adaptada**. Barueri - Sp: Manole, 2005.

Maciel, M. R. C. (2000). **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social**. *Perspec.*, 14(2), 51-56.

MANTOAN, Maria T. E. e PRIETO, Rosângela, G. P., **Inclusão Escolar**, São Paulo Ed. Summus, 4º Edição, 2006

Mazzotta, M. J. S. (1986). **Educação Escolar: comum ou especial**. São Paulo: Pioneira.

REIS, Keila Cristina Gaia dos; TAKESHITA, Thaissa Mayumi da Rocha. **A Educação Física Adaptada no processo de inclusão de crianças com TDAH (Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade)**: Uma contribuição da formação do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado do Pará. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física)- Universidade do Estado do Pará, Belém. 2011.54f.

RIBEIRO, *op. cit*, p. 36.

ROCHA, R. L. de M. **Por uma epistemologia do estranhamento, ou como interpretar em situações de limiaridade**. Comunicação, Mídia e Consumo, vol. 3, n. 8. São Paulo, nov/2006

VASH, Carolyn L. **Enfrentando a deficiência**. São Paulo: Pioneira; Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

WINNICK. J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3 ed. Barueri. SP: Manole, 2004.

### SITES CONSULTADOS:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/res2.txt>. Acesso em 20 agosto de 2014.

GIACOMINI, M.C.C; GIACOMINI, O. Transtorno do Déficit de Atenção/hiperatividade e educação física. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd99/tdah.htm> Acesso em: 18 de maio de 2014.

[http://www.portal.mec.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_Idbn1/pdf](http://www.portal.mec.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_Idbn1/pdf) Acesso em: 18 de outubro de 2014.

NASCIMENTO,;Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, volume 6, número 3, 2007)<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1225> Acesso em: 25 de outubro de 2014

DATAPREV –<http://www.010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1996/9394.htm> Acesso em 19 de agosto de 2014.

## **APÊNDICE**

## ANEXO A



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS  
- *Campus Muzambinho* -



### FICHA DE CONSENTIMENTO FORMAL

O propósito deste trabalho é verificar sob a ótica das PCD e seus familiares a existência do preconceito em relação aos PCD, especificamente nas aulas de Educação física.

É de meu conhecimento que o trabalho será desenvolvido em caráter de pesquisa científica para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Educação Física. Estou ciente de que para a realização de todos os procedimentos do trabalho despenderei uma certa quantia de tempo, sendo a minha colaboração de responder o questionário proposto.

É de meu conhecimento que posso desistir de colaborar a qualquer momento, sendo que dúvidas futuras poderão ser prontamente esclarecidas, bem como o acompanhamento dos resultados obtidos durante ou após a coleta de dados. Autorizo a publicação dos dados coletados, no entanto, exijo sigilo quanto à identificação do meu nome.

Após ler e compreender as informações citadas, eu,

\_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## ANEXO B



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS  
- Campus Muzambinho -



Segundo AQUINO, J.N; NAPOLE,

### DADOS COMPLEMENTARES

Nome:

Idade:

Escolaridade:

### QUESTIONÁRIO

1 – Você sabe oque é preconceito?

2 – Você já sofreu algum tipo de preconceito?

3 – Se sim onde e como foi?

4 – Você já sofreu preconceito nas aulas de Educação Física?

5 – como os professores lidam com o preconceito qunado isso acontece?

6– Qual seu sentimento em relação ao preconceito?

7 – você teria alguma ideia de como diminuir esse tipo de atitude?